

GEORGINA, UMA TIA MUITO QUERIDA

Paulo Cadaval,
Lagoa Santa, 24/05/2010

Elton Guimarães (irmão de vovó Diva), sua esposa Georgina e os filhos Yêda, Mário e Eltinho moravam na Rua Bernardo Guimarães, travessa da Avenida Bernardo Monteiro, em Belo Horizonte. A casa deles era maravilhosa: térrea, grande, muito bem cuidada. No fundo da casa, uma edícula com um famoso quarto de brinquedos que nós, no tempo de criança, adorávamos ver aberto. Quando íamos lá, comandados por D^a Diva, *torcíamos* para o tal quarto estar aberto, o que nem sempre acontecia. Pedir para abri-lo, nem pensar, pois menino não dava palpite e só o passeio até lá já era um presentão. A máxima da D^a Diva era: “lugar de menino é dentro de casa”. No quintal havia muitas jabuticabeiras, todas regadas por meio de canais abertos na terra com precisão. Bastava abrir o registro lá em cima e todas as jabuticabeiras recebiam a água. Quando era tempo, ficavam carregadas de frutos e a festa era a nossa.

Elton era extremamente caprichoso e tudo que fazia era perfeito. Georgina, pessoa muito querida, nos agradava ao extremo, mesmo quando já éramos mais velhos. Baixinha, gordinha, sempre sorridente, era exímia nos bolos que fazia para fora. Mário e eu fomos companheiros e, de vez em quando, convidados pelo Pedro Joaquim (irmão do mais tarde Ministro do Supremo, Sepúlveda Pertence), íamos aos bailes dos Clubes Crisântemo e Cravo Vermelho, em Sabará.

Mesmo não morando mais em BH, sempre que eu ia lá procurava estes tios e primos. Adorava conversar com Georgina (não sei porquê, nunca a chamávamos de Tia). Certa vez, conversávamos na cozinha e, enquanto ela dava acabamento em um bolo de mármore de encomenda (o capricho era tanto que o bolo até parecia mesmo de mármore), Georgina me contou um dos seus *causos*, que jamais esqueci.

Uma parenta dela ia receber uma amiga que não via há muitos anos. A amiga tinha feições masculinas, cabelo cortado *à la garçon*, buço, etecetera e tal. Era, entretanto muito querida da dona da casa. Esta tinha dois filhos com idade de 9 a 11 anos, dois verdadeiros capetas. A mãe, que conhecia bem seus filhos (*conheço laranjeira do meu quintal*, como diria D^a Diva...), chamou-os e falou sobre a visita e a ordem final foi: “vocês fiquem longe da sala, enquanto minha amiga estiver aqui. Cumprimentem educadamente e desapareçam! Entendido?” Os dois capetas insistiram tanto em estar presentes, que prometeram não abrir a boca. A mãe consentiu na presença. Entretanto, se abrissem a boca tomariam uma surra daquelas (quem não se lembra da vara de marmelo que vovó Diva tinha na cozinha e que nunca foi usada?).

A visita chegou. Os dois capetas ficaram juntos, numa poltrona. De olhos arregalados, faziam um raio X completo da amiga da mãe. Realmente nunca tinham visto uma mulher com aquela fisionomia, corte de cabelo masculino etc.

Lá pelas tantas, um cochichou algo no ouvido do outro, que respondeu do mesmo jeito. A mãe percebeu, mas ficou quieta. Daí a pouco um falava baixinho para o outro que respondia “vai você” e o outro dizia “eu não, vai você”. A mãe, nesta altura, conhecendo os filhos que tinha, pressentiu um desastre eminente. Olho feio para os dois, mas não adiantou. Depois de vários “vai você”, “eu não, vai você”, um deles, o mais afoito e curioso, levantou-se, caminhou em direção à visita e, chegando bem perto, olhou para ela e perguntou solenemente: “A SENHORA TEM PINTO?”

O que aconteceu depois, a Georgina não soube, mas imaginou. O que você acha?